
Ana Maria Garcia Bernardo. *A Tradutologia Contemporânea: Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, 802 p.

Ana Maria Garcia Bernardo tem formação superior em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Nova de Lisboa e Mestrado em Linguística Alemã pela

Universidade de Marburg. No ano de 2000, defendeu sua tese de doutoramento em Estudos Alemães (Linguística Alemã/ Tradutologia), na Universidade Nova de Lisboa, onde também é docente. O livro *A Tradutologia Contemporânea: Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã* resulta de sua tese doutoral e representa uma forma de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa em Estudos da Tradução nos países de expressão portuguesa, através das principais

correntes tradutológicas atuais, especialmente as difundidas nos países de expressão alemã. Com essa publicação, embora num feito bastante acadêmico, visa a “proporcionar o acesso a esta temática a um público mais vasto”.

Após uma Primeira Parte introdutória, em que delimita e justifica o tema de sua pesquisa e apresenta seus objetivos, o objeto de estudo, a metodologia e a estruturação do trabalho, Bernardo elabora na Segunda Parte, como numa tese acadêmica, o desenvolvimento de sua temática. Intitulado *Teoria da Tradução Alemã na Fase Pré-Científica até a Segunda Metade do Século XX (Breve Resenha Histórica)*, o Capítulo 1 encerra informações básicas sobre escritores, pensadores, filósofos e eruditos alemães que, entre o século XVI e a primeira metade do século XX, de alguma forma teorizaram sobre tradução. Segundo Bernardo, “apesar da delimitação geográfico-linguística” que se impôs, não foi difícil perceber que “a bibliografia tradutológica ganhou proporções dificilmente abarcáveis”.

Na primeira fase histórica descrita, relata brevemente as ideias sobre tradução desenvolvidas por M. Lutero, J.G. Schottel, J. Christoph Gottsched, G. Vensky, J.J. Breitinger, J. Bodmer, J.G. Herder, F. Schlegel, A.W. Schlegel, Novalis, Goethe, Schleiermacher, Humboldt, Walter Benjamin, R. Borchartdt, W. Schadewaldt, U. von Wilamowitz-Moellendorff, M. Buber e F. Rosenzweig. Nesse lapso de aproximadamente 500 anos, muitos conceitos históricos, literários, filosóficos e culturais passaram por profundas transformações. Através das citações originais seguidas da respectiva tradução, obtém-se um panorama de como os diferentes autores entendiam o ato de traduzir. Conforme a própria pesquisadora, muitos dos autores referidos em sua pesquisa também foram tradutores, de modo que suas reflexões sobre tradução advinham do próprio traduzir, “como justificação da estratégia utilizada”. Ademais, suas traduções continuaram a ser “paradigmáticas ou pelo menos emblemáticas”: a Bíblia

de Lutero, o Platão de Schleiermacher, o Ésquilo de Humboldt, o Shakespeare de A.W. Schlegel, o *Divan* de Goethe e o Baudelaire de W. Benjamin. Também conclui que essa profusão de autores de diferentes épocas e ofícios instituiu “uma perspectiva multidisciplinar com repercussões significativas” até hoje. “Assim como Lutero liga a tradução à religião e ao receptor, Schleiermacher associa-a à compreensão. Humboldt e Benjamin, por seu turno, vão relacionar tradução com linguagem, e para Goethe e Novalis a tradução está intimamente ligada à criação literária e à poética.”

Ainda na Segunda Parte, o Capítulo 2 consagra-se à “inserção da tradutologia alemã na tradutologia contemporânea”. A autora procede a uma análise do panorama tradutológico fora do espaço alemão entre as décadas de 1940 e 1960, para “delinear e caracterizar os primórdios da moderna tradutologia alemã”, sem deixar de “detectar eventuais correntes de influência oriundas do exterior do espaço alemão”. Em sua pesquisa sobre os estudos

teóricos da tradução na segunda metade do século XX (1946 a 1965), caracteriza, quanto às influências (sobretudo externas), sete blocos temáticos. No primeiro, *Notas Avulsas*, encontram-se autores que fizeram anotações assistemáticas sobre tradução: V. Larbaud (1946), T. Savory (1957), W. Widmer (1959) e F. Güttinger (1963). Em geral, partem da prática da tradução, sem chegar a elaborar uma metodologia ou teoria da tradução. No segundo bloco, *Primeiros Esforços Teorizantes*, são citados os trabalhos de E. Cary (1956), E. Jacobsen (1958) e R. A. Brower (1959). No terceiro bloco, *Primeiras Abordagens Científicas*, a pesquisadora destaca McFarlane, que, num artigo preñado de modernidade e cientificidade (1953), preconiza a interdisciplinaridade no futuro campo dos Estudos da Tradução, que só anos mais tarde surgiria com um “entrosamento da linguística, da filosofia da linguagem, da psicologia, da etnografia, da estética e da teoria da comunicação”, visando a uma análise acurada dos

domínios da tradução. No quarto bloco, *Estilísticas Comparadas*, são enfatizados os trabalhos de J.P. Vinay/J. Darbelnet (1958) e A. Malblanc (1963). O quinto bloco, *Perspectiva Histórica*, consagra sua atenção a J.M. Cohen (1963) e, na Alemanha, a O. Raab e H. Braun (1959). *Teorias Paralelas* é o título do sexto bloco, em que figuram temas como tradução da Bíblia (W. Schwarz, 1955), tradução automática (A.G. Oettinger, 1960), tradução como processo decisório e tradução literária (J. Levý, 1967). O sétimo bloco é dedicado às *Teorias Linguísticas*: G. Mounin (1963), E. A. Nida (1964) e J.C. Catford. Noutro momento do Segundo Capítulo, Bernardo aborda os autores de língua alemã que, naqueles anos de uma tradutologia em processo de surgimento, fizeram reflexões sobre uma metodologia e uma teoria da tradução: W. Widmer (1959), R. Kloepfer (1967), J. Levý (1965, 1969), O. Kade (1968, 1971, 1973) etc. No Terceiro Capítulo, primeiramente comenta a dificuldade de se encontrar uma denominação

que agregue todas as pesquisas sobre tradução e aponta os diversos termos existentes em alemão: *Übersetzungswissenschaft, Übersetzungstheorie, Translationswissenschaft, Translationslinguistik, Translatorik e Translatologie*. Em seguida, apresenta as diferentes abordagens tradutológicas de expressão alemã e estrangeira. Na *Abordagem Lingüística*, destaca a avaliação da qualidade da tradução (J. House, H. Gertzymisch-Arbogast) e os modelos metateóricos (Koller e Wilss). Na *Abordagem Semiótica*, enfatiza a recepção de A. Ljudskanov e a semiotização da tradução. Na *Abordagem Comunicativa*, destaca os trabalhos da Escola de Leipzig (Jäger, 1975; Kade, 1980), com enfoque especial sobre questões como mediação linguística, equivalência, variância-invariância e o tratamento dado à sintaxe e à semântica. Na *Abordagem Hermenêutica*, comenta os trabalhos de Fritz Paepcke (1986), que se debruça sobre o fenômeno da comunicação como condição prévia da tradução, e os de R. Stolze, que lança mão, por exem-

plo, da análise etimológica para a compreensão dos sentidos das palavras. Na *Abordagem Funcionalista*, que, segundo a autora, é “aquela que mais põe em causa a concepção tradicional de tradução”, são destacados os nomes dos mentores Katharina Reiß, Hans-Josef Vermeer, Christiane Nord e Justa Holz-Manttäri, mas também os de Hans G. König e Paul Kußmaul, cuja obra *Strategie der Übersetzung – Ein Lehr- und Arbeitsbuch* (1982) pode ser considerada “como obra pioneira da abordagem funcionalista, na medida em que surge antes dos textos fundamentais do funcionalismo (Reiß/Vermeer, 1984; Holz-Manttäri, 1984; Vermeer, 1986). Na *Abordagem Psicolinguística*, a pesquisadora salienta o trabalho realizado nos anos 1970 em Bochum (Krings, Lörcher, House), onde o interesse pela temática decorreu da didática da tradução e da importância da tradução no ensino de L2. Na *Abordagem Cultural*, são citados A.P. Frank, F. Paul, B. Schulz e H. Turk, membros de um projeto internacional da Universidade

de Göttingen (1983), que, com pesquisadores da Europa, Israel e EUA, propuseram-se a fazer um levantamento do estado da pesquisa sobre a história cultural da tradução literária alemã. Na *Abordagem Textual*, que propositadamente não aparece integrada nas *Teorias Linguísticas*, são examinados, p.ex., os trabalhos realizados por K. Reiß (1986), C. Nord (1988) e A. Neubert/G.M. Shreve (1992). A última abordagem teórica enfoca a *Crítica da Tradução*, realçando especialmente os estudos de K. Reiß (1971), A. Popovič (1973), J. Klegraf (1974), W. Wilss (1977) e W. Koller (1973, 1979).

Na Terceira Parte de sua obra, Bernardo apresenta um balanço dos Estudos da Tradução de expressão alemã, destacando os méritos do surgimento de abordagens teóricas como a funcionalista, a psicolinguística e a cultural, com seus expoentes maiores na Alemanha. Destaca o forte viés interdisciplinar proposto por estudiosos estabelecidos em países de língua alemã, como M. Snell-Hornby e A. Neubert,

e a necessidade de se investigar a recepção das abordagens tradutológicas alemãs.

O livro de Ana Maria Garcia Bernardo revela-se uma excelente contribuição para professores e estudantes da área de Estudos da Tradução, por desvendar para o grande público não-germanófono

uma série de correntes teóricas que, muitas vezes, passam ao largo por causa do idioma. Saliem-se, ainda, a extensa lista bibliográfica e o excelente índice onomástico incluídos no livro.

Tito Lívio Cruz Romão
UFC
